

A RELIGIOSIDADE DE ISABEL DE ARAGÃO NOS ESTUDOS HISTÓRICOS E NA CRÔNICA DE RUI DE PINA

Simone dos Santos Alves Ferreira¹

Resumo: Filha de Pedro I de Aragão e Constança de Hohenstaufen, princesa da Sicília, Isabel de Aragão, ficou conhecida pelas ações de caridade que praticava e por mediar conflitos, intervindo diretamente nos assuntos do reino português quando casou com o rei D. Dinis. Desde criança a infanta aragonesa vivia constantemente voltada às rezas e jejuns, além de desenvolver grande afeição em ajudar as pessoas necessitadas. Ao assumir o trono português, torna-se uma rainha diplomática, altiva e acima de tudo caridosa. Depois de morta foi canonizada e é reconhecida por vários milagres realizados, como o famoso milagre de ter transformado pães em rosas. Portanto, nosso estudo busca observar a postura religiosa de Isabel de Aragão ao longo de sua vida, atentando para fatos que a levaram a ser exaltada como santa. Para isso, tomaremos como base a *Chronica d'el rei D. Diniz (Vol I)* (1912) de Rui de Pina e os estudos dos historiadores António de Vasconcelos (2005) e Fernando Barros Leite (1993), que comentam acerca dessa religiosidade vivida pela rainha portuguesa e, ainda as considerações de José Carlos Gimenez (2005), também nos auxiliará nessa breve explanação acerca da vida religiosa de Isabel de Aragão.

Palavras-chave: Religiosidade; rainha; caridosa.

Resumen: Hija de Pedro I de Aragón y de Constanza de Hohenstaufen, la princesa de Sicilia, Isabel de Aragón, era conocida por las obras de caridad que practicó y por mediar en los conflictos, interviniendo directamente en los asuntos del reino portugués cuando se casó con el rey D. Dinis. Desde la infancia la infanta aragonesa se dirige continuamente a las oraciones y ayunos, y desarrollar un gran afecto por la gente necesitada. Al asumir el trono portugués, se convierte en una diplomática, altiva y, sobre todo, la reina de caridad. Después de su muerte fue canonizada y es reconocida por muchos milagros, como el famoso milagro de los panes se han convertido en rosas. Por lo tanto, nuestro estudio tiene por objeto observar la postura religiosa de Isabel de Aragón a lo largo de su vida, prestando atención a los hechos que lo llevaron a ser exaltada como una santa. Para ello, nos basaremos en la *Chronica d'el rey Diniz (Vol I)* (1912) de Rui de Pina y los estudios de los historiadores António de Vasconcelos (2005) y Fernando Barros Leite (1993), comentando sobre la religiosidad de la reina de Portugal y aún consideraciones de José Carlos Giménez (2005), que también nos ayudará en esta breve explicación acerca de la vida de Isabel de Aragón.

Palabras-llave: Religiosidad; reina; caridad.

A primeira biografia de Isabel de Aragão foi escrita logo após a sua morte, um texto de importância imprescindível para quem deseja conhecer sua vida. É uma biografia anônima, porém há relatos de que a autoria fosse de seu confessor, Fr. Salvado Martins, Bispo de Lamego, ou das freiras do Mosteiro de Santa Clara, pois conheciam largamente a vida de Isabel. Entretanto, o documento original perdeu-se, e hoje, conserva-se no Museu Machado de Castro, onde tem guardadas várias peças do tesouro da rainha, uma cópia manuscrita e iluminada, que tem o título: *Livro que fala da boa vida que fez a Rainha de Portugal, Dona Isabel, e seus bons feitos e milagres em sua vida, e depois da morte*. Essa primeira biografia, será publicada pelo Frei Francisco Brandão no século XVII, e serviu de base para a elaboração de posteriores discursos biográficos e cronísticos, como exemplo, Rui de Pina que nas Crônicas de D. Dinis e de D. Afonso IV traz informações sobre os principais passos da infanta aragonesa e rainha de Portugal.

Isabel de Aragão era filha de Pedro III e da princesa da Sicília Constança de Hohenstaufen. Neta de Jaime II e sobrinha de Isabel da Hungria. Essa sua tia também foi canonizada santa pela Igreja Católica. Isabel viveu com o avô por onze anos, nesse período conheceu um pouco da vida, e a rebeldia em que se encontrava o mundo. Desde criança, ela demonstrava uma grande preocupação pelas pessoas sofredoras, pobres, desamparadas e doentes que via quando conseguia sair do palácio. Leite (1993) assevera que a infanta aragonesa tinha gosto em ajudar as pessoas, oferecer esmolas e vivia constantemente voltada às rezas e jejuns, pois, “Todos os dias, desde os seus oito anos, rezava de joelhos o Ofício divino maior, acompanhada do seu confessor ou de alguns dos seus capelães.” (LEITE, 1993, p. 40).

Teve uma educação religiosa baseada nos princípios franciscanos, “o avô tinha o cuidado de que ela fosse ensinada nos princípios da religião cristã, rezar e orar e ter veneração aos santos e às imagens”. (LEITE, 1993, p. 28). Além da educação religiosa, Isabel soube através do seu avô a história dos seus antepassados, inclusive o envolvimento com a Igreja. Após a morte do avô ela retorna a Saragoça para viver com os pais, e logo se depara com o interesse do pai em casá-la para conquistar novos territórios, após ele ter recebido vários acordos de casamento. Dentre os acordos se encontrava o de Roberto de Anju, Eduardo da Inglaterra e D. Dinis, recentemente coroado rei de Portugal.

Diante dos acordos, Pedro III escolhe o de D. Dinis, por interesse, por ser rei e assim a filha iria como rainha e continuaria a política do pai em Portugal, desafiando o papado, o que não seria possível realizar ao casá-la com os príncipes. Além disso, “o rei Pedro de Aragão considerou os aspectos em que se via: dum lado, as armas de Castela, do outro, as armas da França.” (LEITE, 1993, p. 49). E assim, “D. Dinis proporcionava ao rei de Aragão comodidade este casamento, porque se fazia temido de Castela.” (LEITE, 1993, p. 49).

Destarte, tomando a citação acima, inferimos que dada a proximidade e o interesse estratégico que as boas relações entre os reinos possibilitariam, estabelecia-se uma fusão entre Aragão e Portugal, correspondentes aos dois extremos, cujo meio se encontrava Castela, prejudicada com essa aliança. Outro interesse relevante do rei de Aragão em casar sua filha foi perceber que, como não havia relação de parentesco entre os noivos, não seria necessário dispensa do Papa e assim, o casamento se realizaria logo. Conforme nos aponta os estudos de Rui de Pina Isabel não hesitou em fazer a vontade do pai, pois, segundo ela, estava à sua disposição para cumprir com o seu destino, apesar de sua vontade ser a de servir a Deus em um convento.

E esta Rainha Dona Isabel posto que por obediencia, e mandado delRei seu padre, e por necessidade de bem, e paz destes Reinos, fosse corporalmente cazada com EIRei D. Diniz ha que tinha grande amor, ella porém com totalas obras, e sinaes de mui Santa, nom leixava espiritualmente de ser cazada com Deos, ha quem com tanta abstinencia, e continuas orações sempre servia, e contemplava como sempre fizera, sendo donzella em caza delRei Daraguam seu padre, porque sendo cazada, por hum Breviairo por devoto costume, tinha por seu desenfadamento mais familiar, em todolos dias rezava totalas oras Canonicas, e depois desso tomava outros livros de couzas espirituaes, e devotas, e por elles lendo retraida muitas vezes com muitas lagrimas de devaçam ha viram chorar. (PINA, 1912, p. 11).

A partir desse trecho citado nos tornamos sabedores que Isabel desejava entregar-se completamente a Deus e viver sua fé, e mesmo após a consumação do casamento, mantêm-se fiel com o seu compromisso de orar, jejuar e passar horas e horas louvando a Deus. Cumpre com o seu destino de mulher submissa ao pai, e, por conseguinte, ao marido D. Dinis até a morte dele, quando ingressa no Convento de Santa Clara, podendo nesse momento, viver a sua fé plenamente.

Uma outra questão relevante na vida dessa rainha são as suas atitudes de bondade para com os necessitados. Ela interviu na doação de suplementos para

abrigados “em diversas casas do reino, [...] e ações para a construção de hospícios, conventos, casas de regeneração, orfanatos e albergues, entre outros.” (GIMENEZ, 2005, p. 86). A rainha ao se deparar com tanta miséria ao seu redor decide ajudar aos carentes, alimentando-os, vestindo-os e até mesmo, cuidando de suas enfermidades. Fez essas ações de caridade, muitas vezes, com suas próprias rendas.

As suas ações de bondade cresciam cada vez mais em Portugal, o amor e o carinho com que tratava os leprosos e também as disputas familiares que ajudava a resolver, fizeram que muitos a exaltasse como a uma Santa, mesmo quando ainda era viva. Foi uma rainha que deixou uma vida rodeada de riquezas na corte para viver de forma simples e humilde à disposição de pessoas carentes e necessitadas, utilizando o seu poder de rainha para fazer o bem. De tanto se dedicar aos pobres, ficou por eles venerada e começou-se a dizer em Portugal que ao se recorrer a ela se obtinha milagres. Por conseguinte, as pessoas a admiravam e acreditavam ter sido enviada por Deus.

Entretanto, é conveniente salientar que essa veneração se deve, principalmente, ao fato da sensibilidade religiosa da época, que na passagem do século XIII para o século XIV, “o cristianismo do Ocidente Medieval foi marcado profundamente pela inclusão de novas práticas da experiência religiosa.” (GIMENEZ, 2005, p. 86). Logo, Para a transmissão dessa nova prática religiosa, os locais de mediação deixaram de ser apenas os claustros e passaram também a ser as praças das igrejas e dos mercados, enfim, as cidades. E, portanto,

O reflexo dessa mudança estimulou também a criação de capelas de particulares para atender à nobreza e a pequenos grupos sócio-profissionais, o que contribuiu para a proliferação de relíquias e objetos sagrados para uso pessoal. No entanto, o essencial dessa nova vida religiosa foi a mudança para uma devoção direta a um Cristo, cujos exemplos todos deveriam imitar. Para cumprir esse ideal de ajuda ao próximo, e em especial aos pobres do reino, a Rainha Isabel, assim como outros governantes de seu tempo, fez das ações altruísticas uma condição de vida. (GIMENEZ, 2005, p. 87).

Como nos mostra a citação, a relação da rainha Isabel desde a infância com a ordem religiosa franciscana configura total importância para o seu espírito religioso e magnânimo. Foi, portanto, uma rainha que no exercício do poder, utilizou como prerrogativa essencial o auxílio aos menos favorecidos, obrigando, inclusive aos

mais abastados do reino distribuírem algo de seus bens aos mais carentes. De tal maneira, esse espírito franciscano sensibilizou a Rainha que “ha moor parte de suas rendas dava secretamente ha pessoas miseraveis em que sabia, que avia verguonhozas necessidades, e ha estas era tam liberal, e piedoza, e com tam limpo coração”. (PINA, 1912, p. 11).

Durante sua vida, Isabel dedicou-se a manter seus entes familiares unidos, bem como aos habitantes do reino que viviam em estado de extrema pobreza e eram assistidos por sua benevolência. Essas atitudes caracterizam-na como mulher nobre e rainha cristã, tornando-a, sob a ótica de muitos, modelo de virtude. Embora tenha se dedicado veementemente a auxiliar os necessitados, e cultivar sua religiosidade após a morte do esposo, pois decide viver no convento de Santa Clara de Coimbra adotando o hábito de Clarissa, ainda manteve forte relevância nos assuntos relacionados ao reino português. A rainha aperfeiçoava sua religiosidade cumprindo rigorosamente às ordens impostas pela Igreja. Segundo as palavras de Rui de Pina:

hos dias que ha Egreja mandava guardar ella sem quebra dalgum hos jejuava todos ha conduto, sem comer mais que huma sóo vez, e alem desso fazia jejuns de paõ, e aguoa totalas sextas feiras do anno, e Vesperas dos dias de N. Senhora, e sobresso em toda huma quarentena, que vem em cada hum anno de S. Joaõ Baptista, atêe Sãta Maria Dagosto, e atêe ho S. Miguel, e outra quoesma dos Anjos, que hee des ho dia de N. Senhora Dagosto, e assi de dia de todos Santos atée Vespera de Natal nom comia, nem bebia se nom paõ, e aguoa huma sóo vez no dia, de maneira que fazia este tam aspero jejum has duas partes do anno, e assi teve outras muitas, e mui singulares virtudes, com que pareceo que venceo suas forças humanas, e por ellas aprouve ha N. Senhor fazer em sua vida muitos milagres (PINA, 1912, p. 12).

Aqui vemos explicitada sua religiosidade, professava sua fé e procurava orar e jejuar nos dias santos. Além dessas ações de bondade são atribuídos a Isabel de Aragão muitos milagres, que serviram para que muitos a exaltassem como santa. Entre esses milagres realizados muitos fazem analogia com os feitos de Cristo, como por exemplo, curar leprosos, cegos, parálíticos. Rui de Pina nos aponta que na quaresma Isabel dedicava o seu tempo a:

lavar por si hos pées ha doze homens, hos mais leprozos, que se podiaõ achar, [...]. E na Semana Santa, na Quinta feira de Lava pées, em lavando ha treze molheres pobres enverguonhadas, huma dellas acertou, que tinha hum péo comesto de pragua, e dous dedos afistolados, que estavam para

cair, depois que ha Rainha lhe lavou ho são, ella escondia ho doente, e escuzandose por seu mal de ho querer mostrar, forçada dos roguos, e despejos da Rainha, lho mostrou, e nom sómente lho lavou mansamente, mas humildosamente lho beijou na propria chagua, e depois que ha todos deu de comer, e vestir, como tinha por costume, em se saindo do Paço aquella mulher doente indo na companhia das outras se achou de todo sam. (PINA, 1912, p. 12).

Nesse fragmento da crônica observamos a prática do lava pés que foi instituída por Jesus Cristo, é pertinente salientar que a rainha lava os pés de doze leprosos, referindo-se aos doze apóstolos a quem Jesus lavou os pés. Além disso, observamos prodígios e curas realizados por ela que logo foram documentados para servir como prova para a canonização.

Isabel faleceu atingida pela peste em 4 de julho de 1336, deixando explícito em seu testamento o desejo de ser sepultada no Mosteiro de Santa Clara. Após sua morte, surgem as primeiras manifestações da devoção e do culto a sua figura como mulher Santa, mais precisamente ao longo do percurso que fizeram com o seu corpo, de Estremoz à Coimbra. O rei Afonso IV, quis cumprir a vontade de sua mãe, e em decorrência disso, planeja a viagem. Mas é aconselhado de que seria melhor sepultá-la “na igreja de São Francisco de Estremoz, ou na catedral de Évora, [...] e, quando tivesse terminado a decomposição cadavérica, então se transladariam os ossos para Coimbra” (VASCONCELOS, 2005, p. 21), no entanto, o rei insiste e decide levar o corpo de imediato. Mas havia grande preocupação por parte dos presentes, pois,

As circunstâncias em que se achava o cadáver, as condições de temperatura, excessivamente elevada, e a distância de Estremoz a Coimbra, que obrigaria a uma demora de muitos dias; tudo fazia recear que a putrefacção sobreviesse e tornasse impossível o transporte. (VASCONCELOS, 2005, p. 21).

Mesmo depois de alertado do risco que correria ao levar o corpo por vários dias em excessivo calor, o rei Afonso prossegue com o desejo de sepultar sua mãe em Coimbra. Nesse momento, fica claro na história da rainha Santa Isabel, segundo alguns estudiosos, tais como Leite (1993) e Vasconcelos (2005), um milagre do qual todos se maravilhavam e davam graças e louvores, pois, conforme Vasconcelos (2005),

Passados os primeiros dias de marcha, o muito calor começou a abrir fendas nas juntas das tábuas do ataúde, e, apesar da insuficiente precaução da pele de boi, com que o tinham forrado, por essas fendas escorriam líquidos vindos do interior. [...] Mas, ou fosse efeito da grande quantidade de essências aromáticas que porventura tivessem empregado na preparação do cadáver, ou fosse fenómeno sobrenatural, o ataúde exalava cheiro agradável. [...] Os prelados, os nobres, as damas da corte, o povo todo, proclamam desde logo o grande milagre. (VASCONCELOS, 2005, p. 22).

Diante desse fato ocorrido, o historiador levanta um questionamento a respeito desse milagre, pois como envolveram o corpo com muitas rosas para evitar justamente o mau cheiro da putrefação, talvez o cheiro exalado fosse apenas o líquido da decomposição natural do corpo misturado ao odor das rosas. Isso nos leva, necessariamente, a refletir sobre a possibilidade de não ter sido, verdadeiramente, um milagre.

Após esse fato, continua-se a jornada rumo a Coimbra. Ao chegarem se deparam com grandes aclamações por parte de todos os povos que choravam a morte da rainha, que por diversas vezes lhe supriram as necessidades. Por haver esse tumulto,

O bispo de Lamego D. Fr Salvado e outras personagens da corte, [...] começaram a recear que a muita dedicação e veneração do povo levasse aquela gente ao excesso de violarem o ataúde, para [...] contemplarem a rainha [...] e para se apoderarem de relíquias [...]. (VASCONCELOS, 2005, p. 24).

Percebe-se, portanto, que ao temer uma grande revolução por parte do povo, por já venerarem a rainha Isabel como Santa, os responsáveis pelo funeral decidem sepultar clandestinamente o corpo. Porém, acabam por não “fazer-se por uma circunstância fortuita que obsta à realização do plano combinado.” (VASCONCELOS, 2005, p. 24). Essa circunstância, da qual fala o historiador poderia ter sido um milagre divino, tal como o mesmo explicita, baseando-se em documentos de confiança, como documentos oficiais, que existiam no cartório do mosteiro Almoester e no arquivo do Mosteiro de Santa Clara de Coimbra, os quais afirmam que quanto a esse fato, “Deus enviou aos que projectavam executar isto um sono tão prolongado, que nenhum deles acordou senão dia claro [...]” (VASCONCELOS, 2005, p. 112).

Mesmo atemorizados, fazem-se as exéquias do corpo da rainha, porém, não foi possível evitar o tumulto das pessoas, que desejavam se aproximar do caixão

para assistir pela última vez a venerada Santa. Com base em Vasconcelos, “As pessoas que conseguiram chegar até junto do caixão rasgaram o pano de púrpura [...], para com religiosa devoção guardarem os pedaços.” (VASCONCELOS, 2005, p. 24). Enfim, terminado o cortejo fúnebre “corre-se a tampa, e assim fica sepultada a Rainha D. Isabel na sexta-feira 12 de julho [...] de 1374.” (VASCONCELOS, 2005, p. 25).

Outro ponto que devemos considerar é que, mesmo antes de ocorrer a beatificação da rainha Isabel, já se encontravam indícios de veneração por parte do povo. As suas virtudes de mulher bondosa, não só para os pobres, mas também para com os ricos e nobres que a admiravam por ser uma mãe carinhosa, bendiziam as suas ações benéficas. Por isso, em toda parte era apontada como virtuosa e digna esposa, mãe e rainha. Diversos fatos ocorreram para que ela fosse tão admirada e cultuada, tais como a cura de parálíticos, cegos, doentes, mulheres estéreis, entre tantos outros milagres que foram logo em seguida atribuídos a ela, e documentados. A rainha era invocada e suplicada a sua intercessão junto a Deus por graças e benefícios recebidos, que a revestiram “de uma auréola sobrenatural o vulto já tão simpático [...] da virtuosíssima rainha. Neles encontra o investigador a gênese histórica do culto público, que lhe foi prestado antes da beatificação.” (VASCONCELOS, 2005, p. 110).

Dentre esses milagres atribuídos a Isabel, faz-se necessário apontar um dos quais há muita especulação, quanto à sua veracidade. Este milagre é o famoso milagre das rosas. Não há uma época exata da manifestação dessa lenda na tradição portuguesa, o primeiro registro escrito desse milagre encontra-se na *Crónica dos Frades Menores*, de Frei Marcos de Lisboa, publicada no ano de 1562.

Em relação aos fundamentos apresentados por Leite (1993) em consonância com José Agostinho, esse milagre é descrito da seguinte forma:

Certa tarde vira que a Rainha levava no seu avental muito pão e dinheiro. [...] A Rainha encontrou-se com um magote de velhos mendigos, nenhum acusava menos de 65 anos, mostrando falta de forças para o trabalho [...]. Disse que contassem com a Rainha, que era irmã deles em Jesus Cristo. E abrindo apressadamente o avental começou a distribuir o pão e o dinheiro. Alguém lhe perguntou que fazia senhora, que malbaratava assim com ociosos os recursos da Coroa em detrimento de Obras maiores. A Rainha virou a cabeça e viu El-Rei de semblante carrancudo e vincado, mas disse num sorriso todo meiguice e placidez que então o Rei e Senhor dela, achava que a Rainha de Portugal não devia cobrir, ao menos com flores as misérias e as chagas dos desgraçados, e desdobrando o avental caíram no

pavimento muitas ondas de rosas de deliciosa fragância. Voltando-se para os mendigos ordenou-lhes que lhe mostrassem as suas pobres esmolas. Mas D. Dinis atônito e humilhado mal podia erguer o olhar altaneiro e não pôde articular uma palavra e Isabel murmurando em voz melodiosa e tranquila perguntou-lhe se não sabia, esposo bem amado que se ouro é dos Reis, as Rosas eram das Rainhas. (LEITE, 1993, p. 175-176).

Conforme os estudos de Vasconcelos (2005), esse milagre aconteceu quando ocorre a conversão de dinheiro em rosas, em pleno inverno. E assim descreve o historiador, baseando-se em Perpiniano, a respeito do milagre: “notando que essa crença não se baseia em documento nenhum, que não há autor que dela fale, e que outro fundamento histórico não tem, apenas a tradição oral.” (VASCONCELOS, 2005, p. 52), portanto, diante do exposto, não fica bem claro, se concede a esse milagre confiabilidade ou apenas relatos da tradição oral. O que podemos perceber é uma incomensurável semelhança desse milagre atribuído a Isabel de Aragão com o realizado pela sua tia avó, Isabel da Hungria, que também dedicou sua vida a ações altruístas. Por isso, resta-nos a infinita dúvida da veracidade desse milagre, pois como o nome de ambas as rainhas eram iguais e também as ações que praticavam ganhavam contornos semelhantes, talvez tenha havido confusão em relação às duas que, por conseguinte, foram canonizadas Santas.

Após o culto prestado pelo povo e pelas bênçãos recebidas pela Santa rainha, se começa a pensar na sua canonização, porém, era necessário encontrar provas suficientes para comprovar tamanha santidade. Nesse sentido,

Era pois necessário que se conservasse, ao lado dos públicos instrumentos dos milagres, uma biografia fidedigna, que a todo o tempo pudesse atestar que D. Isabel era um portento de virtudes. Por isso se redige logo em seguida a *Lenda*, que formaria com os restantes documentos, segundo a jurisprudência canónica então em vigor, prova suficiente para a rainha ser canonizada. (VASCONCELOS, 2005, p. 125, grifo do autor).

Por isso, foi solicitado pelo Papa Urbano VIII a apresentação de documentos escritos e testemunhos orais que comprovassem a sua e os milagres que teria realizado, para então iniciar o processo. Foi realizada a beatificação em 15 de abril de 1516, permitindo a todas as Igrejas de Coimbra comemorar o seu ofício litúrgico. Além disso, foi ordenado que nessas instituições religiosas se colocassem entre as imagens de santos a dela, e que os fiéis lhe dirigissem preces, lhe prestassem culto e veneração. Porém, ficou bem claro por parte do pontífice que não queria que se referisse a ela como inscrita no catálogo dos santos, enquanto não fosse

solenemente canonizada. Com decorrer do tempo, as várias localidades próximas a Coimbra também começaram a prestar culto a Isabel, no entanto, no reino de Aragão, onde nascera não havia reconhecimento e veneração por ela. Quanto à canonização oficial realizada pela Igreja Católica só foi alcançada depois de feito um longo processo investigatório.

Diante de tamanha repercussão para a História de Portugal, a rainha foi canonizada como Santa no dia 25 de maio de 1625, e a partir disso, começam a prestar-lhe culto. Até os dias de hoje, comemora-se o dia de sua morte em 04 de julho, e as Festas do Espírito Santo, criada por ela é mantida como tradição em Portugal. Portanto, “No catálogo dos santos da igreja católica, se exceptuarmos alguns dos primeiros mártires do cristianismo, encontrar-se-ão poucos que tenham reunido tantas virtudes como a rainha Santa Isabel de Portugal”. (BENEVIDES 2011, p. 130)

Portanto, após esse breve estudo sobre a vida e os acontecimentos envolvendo essa virtuosíssima rainha, concluímos que independentemente de ser canonizada após alguns séculos de sua morte pela Igreja Católica, Isabel foi uma figura de importância imprescindível para a História de Portugal, foi exaltada ainda em vida por todo o reino português como caridosa e benevolente, isso não só pelas ações das quais realizou, mas também por cultivar sua religiosidade diante de todos.

REFERÊNCIAS

- BENEVIDES, Francisco da Fonseca. **Rainhas de Portugal**. Marcador: Coimbra, 2011, p. 121-133.
- GIMENEZ, José Carlos. **A Rainha Isabel nas estratégias políticas da Península Ibérica: 1280-1336**. Curitiba, 2005. 211f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná.
- LEITE, Fernando Barros. **O rei D. Dinis e a rainha santa Isabel**. Lisboa: Edição do autor, 1993.
- PINA, Rui de. **Chronica d'el rei D. Diniz (Vol. I)**. Lisboa: 1912.
- VASCONCELOS, António de. **Rainha Santa Isabel**. 1 ed. Coimbra: Alma azul, 2005.

NOTAS

¹ Mestranda no programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (2014). Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (2013). Membro do Grupo de Pesquisa ELLU/CNPq - UEPB. Tem experiência na área de Letras, atuando em estudos voltados para os temas: mulher e literatura; romance histórico na literatura portuguesa, personagens femininas medievais.